



Atos de jornalismo e *news promoters* na pandemia da covid-19: as finalidades jornalísticas

Thalita Mascarelo da Silva¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo: As redes sociais potencializaram a circulação de informação, desse modo, estudar jornalismo passou a ser tarefa ainda mais ampla. Este trabalho tem como foco o momento atual das fontes de informação científicas as quais estão ativamente informando sobre covid-19 por meios de comunicação diversos. Concomitantemente a isso, estabelece-se um percurso teórico de estudo sobre as finalidades jornalísticas como eixos em separado que permitem conduzir esta análise de forma metodologicamente organizada, embora, na prática, os processos aconteçam simultaneamente, pelo próprio dinamismo que caracteriza o fazer jornalístico. Conclui-se que os as fontes científicas ressignificadas como *news promoters* praticam atos de jornalismo nas redes sociais ao se aproximarem de finalidades jornalísticas ao informarem sobre covid-19, entretanto, finalidades importantes continuam sendo singulares do campo jornalístico.

Palavras-chave: jornalismo científico; atos de jornalismo; fontes de informação; covid-19; redes sociais.

1. Introdução

A realidade digital traz reflexões jornalísticas que posicionam atores, os quais extrapolam o campo jornalístico, muitas vezes como protagonistas, uma vez que dialogam com a informação a partir de atos de jornalismo (STEARNS, 2013).

Os denominados *news promoters* (MOLOTCH; LESTER, 1993), isto é, as fontes de notícias que dispõem de uma agenda midiática própria e qualificada, podem utilizar da ferramenta das redes sociais como um meio de comunicação que media seu con-

¹ Mestranda na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Orientador: prof. Victor Gentili do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. E-mail: thalitaml@hotmail.com

teúdo para muitos, usufruindo de um alcance que pode, inclusive, concorrer com os jornais e chamar atenção dos mesmos criando uma rede de conexão anteriormente inexistente.

O fenômeno pandêmico da nova doença contagiosa, covid-19, demonstra categoricamente essas relações nas redes sociais. No país, fontes científicas estão conquistando uma visibilidade a partir de seu conteúdo informativo, de interesse público, com a credibilidade e a autoridade amparadas ao campo científico, funcionando como um complemento ao trabalho jornalístico.

Entende-se, de acordo com a perspectiva de Recuero (2009), que as redes podem ser relacionadas com a produção jornalística a partir de três relações: a) redes sociais como fontes produtoras de informação; b) redes sociais como filtros de informações ou, c) redes sociais como espaços de reverberação dessas informações (RECUERO, 2009, p.7), com os especialistas em ciência fazendo parte desse processo de modo importante.

O jornalismo no Brasil possui características e finalidades próprias que precisam ser observadas e respeitadas para que se possa dizer que determinada ação comunicacional condiz com esse sistema. Reginato (2018), a partir de sua pesquisa de doutorado, elencou doze finalidades “inegociáveis e fundamentais” (2018, p. 4) que amparam a discussão de jornalismo praticado pelos veículos mais tradicionais no país.

Este artigo tem por objetivo compreender, baseado em uma revisão bibliográfica e em observações analíticas de perfis de atores científicos em diferentes redes sociais, as proximidades e as dissonâncias entre o jornalismo tradicional e os atos de jornalismo praticados por esses atores.

2. Atos de Jornalismo

Schudson (2002) posiciona como principal função jornalística a informação - a produção e disseminação de informações que dizem respeito ao interesse público, isto é, o jornalismo tem como função social fazer com que ocorra uma circulação de informações a partir da produção noticiosa, desse modo, atuando decisivamente na construção de uma esfera pública que possibilite reflexão e organização social dos indivíduos fortalecendo, inclusive, a democracia (RECUERO, 2011). Gentili (2005), também articula

essas questões, a partir da ideia do jornalismo atuando com pluralidade e garantindo o direito à informação em uma democracia: “A democracia representativa contemporânea tem no jornalismo e na imprensa um de seus elementos constituidores decisivos. A estrutura de comunicações e o estágio de desenvolvimento alcançado pelos jornais são um fator indispensável para o processo de ampliação e alargamento da democracia”. (GENTILLI, 2005, p. 142).

A pesquisa de Reginato (2018) demonstra concordância com essas ideias ao concluir que há três finalidades principais históricas que perduram no imaginário social dos veículos, dos jornalistas e dos leitores brasileiros: “esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; informar” (REGINATO, 2018, p.5).

O momento histórico e tecnológico atual impele ao jornalismo maior atenção em determinadas finalidades já exercidas em detrimento de outras, uma vez que diferentes atores fora do campo jornalístico se apropriam, já que, atualmente, há disponíveis ferramentas tecnológicas e comunicacionais para fazê-lo, de determinadas finalidades jornalísticas. São as funções do jornalismo que o legitimam como campo, conceito utilizado aqui a partir da perspectiva de Bourdieu. Há razões para o jornalismo existir e as finalidades ajudam nessa compreensão. As tecnologias modificam aspectos que envolvem as finalidades, mas não as substituem. Há finalidades essenciais para um jornalismo de qualidade e que serve à democracia que só se podem ser realizados pelo jornalista.

A internet, por sua vez, principalmente a partir de redes sociais, está conduzindo uma transformação diferente. A circulação da informação está acontecendo de maneiras tão complexas, tão repleta de circuitos e interações possíveis, que está compelindo os veículos jornalísticos tradicionais a um reposicionamento nessa determinada esfera pública. Os jornais são apenas mais um meio de se informar. Não necessariamente são a primeira fonte. Não necessariamente são acessados. Há, nas redes sociais, diferentes e novas fontes concorrenciais: não uma mera competição de jornais, mas entre jornais e *news promoters*.

Entende-se, por conseguinte nessa discussão, que há um espaço público onde atores diversos compartilham informação. As redes sociais fazem parte do processo

histórico-tecnológico de influência na vida social e, no que diz respeito ao jornalismo digital, atuam de maneira complementar e colaborativa (RECUERO, 2009).

Fontes de notícias que alcançam espaço nos jornais tradicionais devido a um determinado conhecimento específico potencializam sua visibilidade a partir das redes sociais, assim, ressignificam seu papel social se tornando promotores de notícias (*news promoters*) praticando atos de jornalismo. Stearns (2013), com o intuito de refletir sobre a liberdade de imprensa, analisa como o público em geral vem contribuindo com o jornalismo em suas próprias redes sociais. Assim, o autor denomina essa prática de “atos de jornalismo”, isto é, não se configura como jornalismo, uma vez que a profissão possui princípios, finalidades, *ethos*, razão de existir singulares que não necessariamente são levados em consideração quando um indivíduo informa nas redes sociais. Não há como se desconsiderar que existem sujeitos que se aproximam do fazer jornalístico e contribuem e, por conseguinte, concorrem de modo relevante a partir de atos de jornalismo. É o caso dos profissionais do campo científico.

Este artigo propõe refletir segundo a ideia de que não há substituição e, portanto, não está ocorrendo o fim da importância dos jornais, mas sim há apropriações interacionais. Atores científicos nas redes sociais se apropriam das finalidades jornalísticas já consolidadas no meio social para compartilhar seu conhecimento de modo bem sucedido; os jornais, por sua vez, observam as tendências nas redes sociais e criam novas relações com esses atores se apropriando de sua credibilidade científica perante o público e os oferecendo espaço em suas colunas, por exemplo. Há uma retroalimentação.

Esses atores são interessantes justamente por isso: muitos falam nas redes sociais na internet, porém nem todos se tornam promotores de notícias. Os que conseguem de fato esse destaque possuem algo que os legitimem, no caso, o valor do conhecimento científico. E, assim, chamam a atenção até mesmo dos veículos tradicionais, estando presentes em dois territórios distintos, mas que se complementam: os jornais e as redes sociais. São sujeitos que narram e esclarecem fatos com a legitimação do público e dos jornais.

Vale uma ponderação. Nessa realidade de mídias sociais, quem são os *news promoters*? Embora os denominados “*digital influencers*” de fato influenciem muitas pessoas nas redes sociais no que diz respeito ao que debater, ao que entender e no que

consumir, deve-se distinguir o papel desses atores. Os jornais trabalham com informação, por isso, buscam fontes de notícias que legitimem suas pautas a partir do seu conhecimento específico em determinada área. Um “*digital influencer*” por si só geralmente não possui esse tipo de conhecimento. À vista disso, analiticamente, a inserção desses atores nesta pesquisa jornalística não é considerada por escapar do escopo deste trabalho.

O jornalismo se ancora em valores - credibilidade, confiabilidade, reputação (RECUERO, 2011), assim, o público espera que as fontes nos jornais tenham tais valores, uma vez que fazem parte decisiva do processo noticioso. A seleção das fontes faz parte de um processo importante de pauta. Há, portanto, uma espécie de contrato simbólico entre a sociedade e o jornalismo para que sejam reproduzidas nos jornais informações fundamentais ao exercício democrático e coletivo. Cria-se, então, um campo jornalístico. O mesmo ocorre na atividade científica. O campo científico é legitimado pela sociedade a partir de seus valores e princípios consolidados nessa comunidade, que, por sua vez, também possui um dever e função social para com a coletividade e a democracia.

Há, de fato, interessantes aproximações entre o papel científico e jornalístico, principalmente quando atores da ciência se tornam não apenas divulgadores científicos, mas promotores de notícias. Também há importantes dissonâncias informacionais que continuam incumbidas aos jornalistas. Um é ator da informação, o outro utiliza da informação, mas seu objetivo principal é sua profissão como cientista, o que traz questões assimétricas consideráveis.

3. As finalidades jornalísticas com foco na ciência

Reginato (2018) constatou por meio de uma análise robusta, cujo objeto foram jornais tradicionais brasileiros (O Globo, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo), 85 jornalistas e 250 leitores, que há doze finalidades jornalísticas essenciais em consonância. A partir disso e, em acordo com a pesquisadora, este artigo busca compreender como algumas dessas finalidades jornalísticas extrapolam o campo do jornalismo e são utilizadas por atores fora desse espectro. Torna-se nítido que outras dessas finalidades

somente, de fato, são capazes de serem realizadas por jornalistas em sua profissão e exercício diário.

Por conseguinte, Reginato (2018, p. 15) elencou-as:

Após a sistematização dos discursos dos três sujeitos, elaborei uma proposta sobre as finalidades do jornalismo. A partir da reflexão teórica e da análise do que dizem veículos, jornalistas e leitores, entendo que o jornalismo tem 12 finalidades a cumprir: a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

Schudson (2008), analisando o contexto estadunidense e na tentativa de compreender como o jornalismo serve à democracia, enumerou seis funções/finalidades jornalísticas. Seriam elas: informação, investigação, análise, empatia social, fórum público e mobilização (2008, p. 8-9).

Embora analisem realidades distintas, importante ressaltar as funções/finalidades destacadas por Schudson para que se possa fazer esse diálogo e relação com uma pesquisa feita no contexto brasileiro com as questões já enunciadas, visto que ambos tentam compreender o mesmo, além de que a construção do jornalismo do Brasil se deu a partir da concepção objetiva dos Estados Unidos. Portanto, o diálogo entre esses dois estudos não só se apresenta como viável, mas como rico e integrador.

A primeira, uma das finalidades mais evidentes do jornalismo, **informar** (SCHUDSON, 2008) (REGINATO, 2018). A informação jornalística é dita como informação de interesse público. Conceito complexo e passível de debates e perspectivas diversas, interesse público parece ser um valor onipresente e mencionado amplamente pelos códigos de ética jornalísticos, sendo o conceito o qual legitima as práticas e ações do jornalismo (CHRISTOFOLETTI; TRICHES, 2014). Informações sobre a covid-19, por exemplo, doença que se tornou um problema sanitário mundial, explica por si só a onipresença que carrega a expressão interesse público.

Em seguida, a **investigação**. Schudson (2008), inclusive, coloca-a como segunda função no jornalismo, atrás apenas da informação. Tanto a ciência quanto o jornalismo investigam, mas com intuítos distintos. A ciência investiga para compreender determinado fenômeno, o jornalismo investiga para fiscalizar determinado fenômeno. É uma

função de valor importante para a profissão. Na literatura, muito se fala dessa finalidade no âmbito de notícias na política, uma espécie de vigilância jornalística sobre os poderes. E quanto às pautas de ciência?

Os *news promoters* da ciência trazem seu conhecimento nas redes sociais e como fontes de notícias nos jornais, o lado didático já está construído e corriqueiramente difundido. O diferencial das pautas em ciência é entendê-la não como pautas frias, mas compreender que médico também pode omitir informações, não é só político. Que na ciência também ocorrem problemas e questões antiéticas que precisam ser denunciadas pelos jornais, pois afetam a vida social; que muitas vezes o nutricionista, está mais fazendo *marketing* de um produto alimentício do que prestando um serviço informativo. Entender que nem toda pesquisa é confiável e mostrar isso. O papel do jornal é ir além da explicação, do conhecimento já divulgado, é publicar no jornal o que os cientistas não divulgam.

Verificar a veracidade das informações: Reginato (2018) explica que essa se tornou, com o amontoado de informações circulando, uma finalidade em destaque para o jornalismo, haver com o valor da confiabilidade. De fato, no entanto, vale dizer que, à primeira vista, profissionais da ciência que possuem redes sociais com o intuito de informar sobre seu trabalho, podem ser considerados credíveis e comprometidos com a informação e veracidade delas em suas postagens públicas.

A fiscalização e o fortalecimento da democracia – o papel de fiscalizador aparece como consequência ao fortalecimento da democracia. Embora de modos distintos, tanto o jornalismo quanto a ciência atuam nessa direção. Sagan (2006) explica que a ciência atua em oposto ao sigilo e a associa com a democracia de forma que sugere à ciência o poder de vigorar uma democracia, caso feita com honestidade e raciocínio adequados.

Alicerçado pelos gêneros jornalísticos, o jornalista **esclarece o cidadão e apresenta a pluralidade da sociedade** (REGINATO, 2018). Schudson fala de fórum público que, de algum modo, apresenta essa pluralidade social, mas a partir da inserção dos indivíduos nos jornais. Portanto, a pluralidade pode ser alcançada tanto na diversidade de assuntos abordados quanto na tentativa de dar voz a diferentes sujeitos sociais. A ideia de pluralidade, junto à de seleção, pode ser outra finalidade singular ao campo

jornalístico, uma vez que especialistas em alguma área tendem a divulgar, esclarecer e informar aquilo que condiz com a sua realidade profissional, portanto, não pautam a partir de interesse público, mas a partir de seu interesse como profissional.

A seleção do que é relevante – eis uma das finalidades centrais dos jornais: a hierarquização dos acontecimentos faz com que se centralizem em um só espaço várias informações de interesse público em um único local, o jornal. Uma seleção minuciosa é feita. Como já dito, cientistas nas redes sociais informam a partir de seu conhecimento específico em determinada área e, portanto, sem os jornais, a procura para por uma pluralidade e seleção de assuntos importantes se torna mais complexa nas redes sociais, mais solta, mais aleatória. O jornal captura em um só lugar diferentes fontes, diferentes perspectivas e diferentes temas sobre, no caso, a ciência.

O tema interesse público também aparece como indicador importante nessa seleção e ordenação do que é relevante socialmente. Diferentemente de “interesse do público” que caracteriza o que a audiência deseja, “interesse público” significaria o que de fato é importante socialmente publicar, independentemente do desejo da audiência (GOMIS, 2002, p. 227).

Recuero (2011) também cita como importante, enfatizando a função no jornalismo digital, a finalidade de “filtro e hierarquização” (2011, p. 14) de informações. Ou seja, a seleção do que se é importante de divulgar e saber publicamente.

Interpretar e analisar a realidade – a explicação da realidade através da informação, através da interpretação e da clareza na escrita. Schudson (2008) também considera a análise como uma função importante do jornalismo, uma espécie de sabedoria pedagógica. Uma informação desconexa não agrega muito, mas com uma contextualização já ajuda mais. Não é fácil esclarecer uma informação para um público tão variado quanto o de um jornal ou de uma rede social.

A pandemia da covid-19 fez com que o jornalismo científico se tornasse pauta nos jornais diariamente. Ressalta-se que todas as finalidades aqui discutidas são importantes e fazem do jornalismo característico e validado, no entanto, há funções que são observadas em outros espaços que se tornam informativos e esclarecem a população. A tentativa aqui é compreender quais finalidades jornalísticas, nesse momento de pandemia de covid-19, parecem ser mais assertivas para os jornais.

Defender o cidadão - finalidade importante para o jornalismo, embora a ciência também alerte, mas não necessariamente em defesa do cidadão. O jornalismo deve primar em mostrar o que acontece com o intuito de denúncia, alerta e cobrança, junto a uma consciência crítica do cotidiano. Já “a Ciência procura só saber como a natureza funciona e não como ela deveria funcionar” (KUCINSKI, 2002, p. 102). Por isso, é importante que um dos papéis do jornalismo científico seja trazer à pauta pública o debate sobre bioética que, no Brasil, é tratada vigorosamente pela Igreja Católica (KUCINSKI, 2002).

Foi a Ciência que explodiu as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, foi a Ciência que fez experiências com seres humanos em Nuremberg, enfim, nós já sabemos dos pecados que a Ciência cometeu. Em função disso, surgiu esse novo campo chamado Bioética, mas ele está atrasadíssimo, e uma das implicações desse atraso é que deveria caber ao jornalismo, inclusive ao jornalismo científico, que é esse sim uma especialidade dentro do jornalismo, se propor como grande espaço de estímulo desse debate, para a criação de uma nova consciência crítica sobre essas novas tecnologias. Isso não está acontecendo dessa forma. Nos grandes veículos, o jornalismo científico ainda é tratado como matéria jornalística que traz o exótico, o espetacular, o interessante, ou de preferência o superinteressante, mas não o debate ético dessas questões fundamentais que eu mencionei (KUCINSKI, 2002, p. 102).

Fazer a mediação entre os fatos e o leitor – pode-se considerar que as redes sociais criaram certa crise de mediação para o jornalismo. Os *news promoters* são a prova contundente e qualificada de que pode se informar assuntos de importância pública sem a mediação dos jornais.

Integrar e mobilizar as pessoas – esta também aparece para Schudson (2008) como uma função do jornalismo na democracia, a capacidade de mobilização, no entanto, o autor foca somente em como essa finalidade repercute nas questões políticas. A mobilização de pessoas sobre determinado tema relevante para a vida em coletivo e que precise desse estímulo e integralização aparece como uma função que faz com que a reflexão seja exercida e tenha-se discussão entre as pessoas. Nesse século, a partir das redes sociais, exemplos de integralização e mobilização já foram constatados, possibilitando a leitura de que as redes também são capazes desse feito.

Registrar história e construir memória – finalidade importante e singular no aspecto de auxiliar no retrato de determinado momento histórico a partir do que foi notícia no jornal. Ao resgatar a perspectiva de Schudson (2008) nessa direção, a discussão se torna mais abrangente na medida em que a ideia de que o jornalismo contribui para

criar uma **empatia social** além de registrar história e construir memória social através das histórias contadas por meio da informação também cria a interseção de diferentes finalidades. Ao criar empatia social, a notícia também pode gerar um sentimento de defesa do cidadão, ajuda a compreender o mundo em que se vive e pode, inclusive, mobilizar e integrar as pessoas em prol de alguma causa.

A última finalidade que Reginato (2018) constatou foi **divertir** – a autora ressalta que tal finalidade apenas foi mencionada por veículos e jornalistas, sendo que os leitores, portanto, não acreditam ser o divertimento uma função jornalística. De fato, divertir parece ser a mais superficial de todas.

Vale explicitar duas finalidades nomeadas pelos autores que não são sugeridas pelo jornalismo. Reginato (2018) cita como intrigante o fato da **verdade** não ter sido citada como uma finalidade jornalística. Pode parecer uma finalidade óbvia, no entanto, em meio a um ecossistema jornalístico tão plural e com a profusa disseminação das chamadas *fake news*, ressaltar tal função se torna essencial e necessário demonstrar com contundência a verdade como finalidade jornalística. Dentro dessa perspectiva, os *news promoters* tendem a auxiliar os jornais.

Schudson (2008) elenca uma sétima função que ele entende como invisível nos jornais, mas que seria importante para o avanço democrático: trazer a discussão sobre como o jornalismo pode contribuir para a reflexão sobre a atual democracia majoritária.

As finalidades jornalísticas associam-se aos preceitos democráticos, auxiliam na função social do jornalismo com o coletivo e tornam a profissão relevante e importante independentemente da era histórica, desde que as reflexões continuem e tais finalidades sejam estudadas e reordenadas para que se desenvolvam e se aprimorem de acordo com o que o momento histórico reivindica.

4. Os *news promoters* e as experiências da nova realidade

Os *news promoters* da ciência, assumindo esse papel nas redes sociais, fazem com que novas análises informativas, no contexto jornalístico, possam e devam ser feitas. Esses atores possuem a capacidade de informar com interesse público, uma vez que

assuntos da ciência interessam e infringem na vida social, principalmente quando se trata de saúde.

Drauzio Varella, médico, aponta como um sujeito importante. Nos meios de comunicação, atua também como um comunicador? Divulgador científico? *Influencer*? Web celebridade? Um promotor de notícias? Defini-lo apenas com uma nomenclatura parece tarefa difícil. O fato é que Drauzio Varella informa. Informa a partir de evidências científicas. Informa através de redes sociais: youtube, twitter, facebook, instagram. Assim como também informa como fonte de notícias em O Globo, por exemplo. É um ator do campo científico que bebe do campo jornalístico e se insere em um ecossistema jornalístico. Essa ideia de ecossistema jornalístico é considerada para explicar a diversidade e integração atual de atores sociais, partindo do pressuposto que as organizações jornalísticas tradicionais já não conseguem cobrir os fatos sociais por si só (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Ecossistema jornalístico é entendido como um espaço muito mais amplo que o campo. Não há regras, não há princípios, não há finalidades. Mas há interações, compartilhamentos, surgimento de novos atores que se tornam protagonistas da informação. E há, portanto, inseridos nesse ecossistema, diversos e diferentes atores, alguns competentes o suficiente para chamar a atenção não só da sociedade em geral, mas dos jornais. O jornalismo, por conseguinte, é engolido por esse ecossistema e obrigado a fazer parte dele, a partir de conexões e interações, mas com o diferencial da legitimação de um campo. E quanto ao indivíduo que “deu um furo” no twitter, ficou famoso por alguma informação factual? A maioria desaparece com o tempo, entretanto, tem aqueles que permanecem - os *news promoters*, pois têm um diferencial: fazem parte de um campo, no caso deste artigo, o científico. São legitimados socialmente. Ou seja, os atores nas redes sociais tem o potencial de descentralizar o protagonismo dos atores do campo jornalístico, de rearranjar a forma como a informação é buscada, mas não possuem a credibilidade, a confiabilidade. Somente alguns atores o têm, e o jornal percebendo o potencial desses atores os agregam ao campo jornalístico como fontes ou até mesmo como atores fixos, como colunistas, por exemplo.

O doutor Drauzio Varella vem se dedicando a informar, principalmente, sobre covid-19 no atual momento. Prestando um serviço que condiz com finalidades jornalísticas. Informando de modo qualificado, com utilidade pública:

(Figura 1) Postagem do instagram @sitedrauziovarella, dia 08 de julho de 2020.



Drauzio Varella parece ser um ator complexo de se analisar quando colocado na ótica jornalística. Um estudo de caso seria interessante. Ele possui um site de notícias próprio. Constitui-se em um verdadeiro portal de notícias, com editorias, com podcasts, com vídeos e entrevistas com outros especialistas sobre assuntos diversos pertinentes à saúde. Além de conteúdos com ele próprio, notícias e reportagens são desenvolvidas com repórteres assinando as matérias. Recentemente, criaram no site uma aba somente para assuntos sobre o novo coronavírus:

(Figura 2):



Acima um print de um vídeo com uma entrevista com o médico Ricardo Parolin Schnekenberg, membro da equipe de resposta ao covid-19 do Imperial College London.

Qual a grande diferença em se informar através do site do Drauzio Varella e em um jornal? Pensando no todo do aparato que cerca a comunicação feita por Drauzio Varella, em todas suas redes sociais, mas principalmente em seu site, é um site de notícias completo. Mas dentre os cientistas que se propõem também à divulgação científica de modo mais profissionalizado, com linguagem acessível e dispostos a fazer esse trabalho muito próximo ao jornalístico, Drauzio Varella é uma exceção. Um vanguardista. E experiente. Consolidado. A divulgação científica é uma profissão para ele.

Natalia Pasternak, pesquisadora e microbiologista, aparece como um novo exemplo que vem se destacando nesse atual ecossistema jornalístico online. Utiliza o twitter diariamente com o intuito de divulgação científica e participa ativamente da denominada mídia tradicional. Foi entrevistada no programa jornalístico Roda Viva para discutir questões polêmicas em torno da covid-19. Ademais, a bióloga é colunista da revista The Skeptic UK, da revista Saúde e do jornal O Globo. Torna-se nítido que ela é outro exemplo de *news promoter*. Pasternak criou um instituto para que sua divulgação científica gerasse alguma renda, visto que informar não gera lucro algum para alguém que não seja empregado em alguma empresa jornalística. O Instituto Questão de Ciência é descrito no site como o primeiro instituto brasileiro para promoção de pensamento

crítico e racional, e políticas públicas baseadas em evidências científicas. Abaixo uma imagem do site:

(Figura 3) Site Questão de Ciência – quem somos.



O Instituto Questão de Ciência é uma associação sem fins econômicos, lucrativos, político-partidários ou religiosos.

É o primeiro instituto no país voltado para a defesa do uso de evidência científica nas políticas públicas. Seu lançamento ocorreu em 22 novembro de 2018 e contou com participação de grandes cientistas.

A função primordial do Instituto é trazer a ciência para os grandes diálogos nacionais e globais em torno da formulação de políticas públicas.

Ciência e tecnologia formam os alicerces da vida contemporânea. Por causa disso, questões de ciência estão por toda parte no mundo moderno, e têm papel crucial na alocação responsável de recursos públicos ou privados.

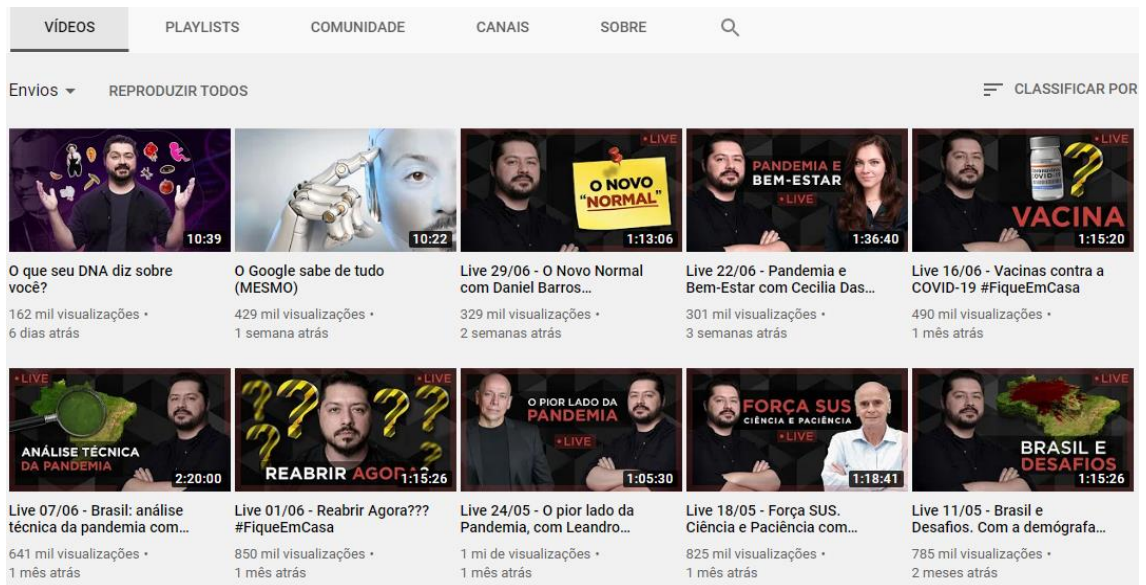
Desde as pequenas decisões pessoais na vida do cidadão comum até a formulação de políticas públicas, somos influenciados por evidências ou opiniões. Nossa missão é demonstrar que as evidências asseguram o desenvolvimento de um país, e que praticamente tudo envolve alguma questão de ciência.

O IQC conta com três frentes de atuação: Educação Científica, Jornalismo Científico e Advocacy Científico.

Os indivíduos nas redes sociais, a partir do mecanismo de *hashtags*, de seguidores, de curtidas e compartilhamentos conseguem se integralizar e discutirem sobre diferentes temas. Um único determinado indivíduo no twitter consegue criar essa mobilização. Atila Iamarino, atualmente com mais de um milhão de seguidores no twitter e no seu canal do youtube e mais de 900 mil seguidores no instagram, conquistou a capacidade de gerar atenção e repercussão em relação a suas abordagens diariamente sobre a pandemia da covid-19. O biólogo, doutor em ciências pela USP, que se descreve no twitter como “divulgador científico e explicador do mundo por opção”, destaca-se nas redes sociais pela sua capacidade comunicativa de informar sobre a doença, sendo, inclusive, contatado pela Folha de São Paulo para ser um colunista no jornal. Aqui, um significativo exemplo de interlocução entre redes sociais e imprensa tradicional. Abaixo, uma imagem sobre vídeos do biólogo em seu canal no youtube:

(Figura 4) AtilaIamarino/vídeos – 17/07/2020.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020






Pensando nesse novo modelo informativo, aqui, apresenta-se o quanto a divulgação científica está se tornando cada vez mais corriqueira, seja por meio dos próprios cientistas, mas também através de ideias de jornalistas.

A Agência Bori consiste em um interessante exemplo de esforço jornalístico nessa direção, com o diferencial da profissão: a seleção do que é relevante. As jornalistas Sabine Righetti e Ana Paula Morales lançaram no Brasil a plataforma Agência Bori, que atua na disseminação de informações e divulgação da produção científica brasileira para os veículos jornalísticos. Com o slogan “conhecimento que vira notícia”, o projeto conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Instituto Serrapilheira. Inspirada em iniciativas internacionais como o Eurekalert e Nature Press, a agência conecta os jornalistas com os cientistas brasileiros e seus trabalhos. A curadoria do conteúdo da plataforma é de abrangência nacional. Com a pandemia da covid-19, a Bori é pensada como uma nova forma de selecionar pesquisas científicas relevantes socialmente e aproximar a ciência e os cientistas à sociedade através da mídia. Abaixo, uma imagem retirada do site:

(Figura 5):

Especial Covid-19

Releases

-  Na pandemia, demanda de crédito de micro e pequenas empresas será 75% maior do que o concedido em 2019
-  Maioria dos assistentes sociais teme o novo coronavírus
-  Pandemia deve acelerar a transformação digital no Brasil, aponta FGV

Webinars

- Quinta (16/07), 11h: apresentação de estudo sobre familiares de presos no estado de SP e Covid-19
- Terça (14/7), 11h: Webinar de lançamento da ferramenta Science Pulse
- Sexta (10/7), 17h: webinar "Os efeitos da Covid-19 e o combate à corrupção", com Sérgio Moro
- Sexta (3/7), 17h: webinar "Compliance e agronegócio em tempos de pandemia"
- Terça (23), 11h: apresentação de estudo sobre crédito para pequenas empresas na pandemia

EXCLUSIVO PARA JORNALISTAS

Apoio à cobertura

Material de apoio da Bori à cobertura do novo coronavírus com todos os estudos nacionais sobre Covid-19, relação de estudos estrangeiros, fontes de informação científica confiável e mais de 300 contatos de pesquisadores de todo o país (telefone celular) previamente preparados para atender a imprensa. O material é atualizado diariamente.

- [Acessar especial](#)

Cientistas interessados em integrar o nosso banco de fontes podem enviar e-mail para bori@abori.com.br.

Diante desse curto, mas expressivo, panorama, percebe-se a interlocução e as aproximações entre jornais e redes sociais, entre cientistas e jornalistas, entre jornalismo e atos de jornalismo. Entretanto, há distanciamentos importantes que merecem apontamentos. Essa nova realidade demonstra que o protagonismo informacional muda conforme as questões históricas e tecnológicas vão se transformando, o que faz com que o jornalismo sofra modificações e reflexões necessárias sobre o papel do campo jornalístico em si.

5. Considerações finais

O momento atual sugere que para se compreender o jornalismo em sua magnitude e amplitude é preciso compreender o panorama maior, o ecossistema jornalístico. Diante disso, as finalidades jornalísticas ajudam a compreender o que impacta mais a profissão no contexto social atualmente e o que não o diferencia tanto em relação ao que está sendo feito por outros atores.

A mediação de informações, nesse contexto, é feita por diversificados atores sociais, sendo os *news promoters* diferenciados nesse aspecto, uma vez que detêm a legitimidade de um campo, como o é o científico, e, por isso, são capazes de transitar em

diferentes territórios de modo protagonista, como nos jornais e nas redes sociais. Essa realidade gera colaboração mútua, mas também disputa por espaços.

Uma vez que a finalidade jornalística da mediação das informações já não é tão particular como já foi, algumas finalidades se sobressaem em importância a outras, como a seleção dos fatos de interesse público e a concentração de pluralidade de fatos em um único espaço; a investigação dos fatos no sentido de vigilância, de denúncia e de cobrança; a habilidade de defender o cidadão e de registrar memória criando inclusive uma empatia social. Cria-se, assim, um vínculo representativo singular do jornal para com a sociedade.

Torna-se evidente que, embora as redes sociais propiciem uma maior circulação de informações, a importância do jornalismo permanece a partir de suas finalidades, principalmente, aquelas que são efetivadas com um domínio maior pelos jornais.

Referências

- AGÊNCIA BORI. Disponível em: < <https://abori.com.br/>>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- ANDERSON, C. W; BELL, E; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 5, n. 2, p. 30-89, abr./jun. 2013.
- CRISTOFOLETTI, R; TRICHES, G. L. Interesse público no jornalismo: uma justificativa moral codificada. **Famecos**, v. 21, n. 2, p. 484-503, mai-ago. 2014.
- GENTILLI, V. **Democracia de Massas**: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- GOMIS, L. Do importante ao interessante: ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. **Pauta Geral** – Revista de Jornalismo, Salvador: ano 9, n. 4, 2002.
- IAMARINO, A. Disponível em: < <https://www.youtube.com/c/AtilaIamarino/videos>>. Acesso em 17 jul. 2020.
- INSTITUTO QUESTÃO DE CIÊNCIA. Disponível em: <<https://iqc.org.br/quem-somos/iqc/>>. Acesso em 16 jul. 2020.
- KUCINSKI, B. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saúde e Sociedade**, v. 11, n. 1, p. 95-103, 2002.
- MOLOTCH, H; LESTER, M. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, D. de A.; FIRMINO, F. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a re-configuração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. p. 1-269.

_____. Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: **Anais do congresso da SBPJor**. Rio de Janeiro, 2011.

REGINATO, G D. As finalidades do jornalismo: percepções de veículos, jornalistas e leitores. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-18, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SCHUDSON, M. News and Democratic Society: Past, Present, and Future. In: **The Hedgehog Review**, Institute for Advanced Studies in Culture, Summer 2008.

SITE DRAUZIO VARELLA. Disponível em: <
<https://drauziovarella.uol.com.br/coronavirus/boletim-coronavirus-no-instagram-22-02-07-2020/>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

STEARNS, J. Acts of Journalism: defining press freedom in the digital age. New York: **Free Press**. Disponível em:
<https://www.freepress.net/sites/default/files/resources/Acts_of_Journalism_October_2013.pdf>. Acesso em 10 jan. 2020.

VARELLA, D. **Máscara e óculos: 4 técnicas para não embaçar as lentes**. Disponível em: <
https://www.instagram.com/p/CCUHblQAv_m/>. Acesso em: 16 jul. 2020.